



O RAMILHETE

ORGÃO DEDICADO AO BELLO SEXO

Directores: Alfredo Durval e Silva
Antonio José Corrêa

Direcção: RUA DA GLORIA 30 Sobrado



ANNO IV

S. Paulo, 26 de Maio de 1901

N. 4

SUMMARIO

- 1.º «O Ramilhete», *Os Directores.*
- 2.º Ave Maria, *Hortencia T. Leite de Abreu.*—3.º Recordação, *Alice Aguiar.*—4.º Saudade, *Ade-lyde Brito.*—5.º No cemiterio, *Elisa T. L. de Abreu.*—6.º Estatua, *R. Teixeira Leite*—7.º Um Sonho, *Corina Aguiar*—8.º Nome preságo, *Sibela*—9.º Num sonho, *Durvaesilva*—10.º Quando ella passa, *Magalhães Costa*—11.º A Mulher, *Saphira*—12.º A Camelia, *Perola do Oriente*—13.º Agradecimento, *Alfredo Durval e Silva*—14.º Saudade eterna, *Enco Djalma*—15.º Perfil, *M. Justino de França*—16.º O assucar, *Xinfrim*—17.º Salve 26 de Maio, *Nico*—18.º Agenda.

“O RAMILHETE”

Impulsionados pela boa acceitação que nos tem sido dispensada nas anteriores publicações d'este modesto jornalzinho, animamo-nos a apresental-o hoje novamente ás benevolas vistas dos nossos amaveis leitores.

Com inefavel satisfação, inserimos em nossas columnas a collaboração de gentis senhoritas, que inmerecidamente nos distinguem com essa honra o que julgamos ser para os leitores, assim como o é para nós, um attractivo de indescriptivel valôr.

Esquecemos todós os dissabôres que nos causa esta lide jornalística, para a qual não somos aptos, certos de que, a mesma bôa acceitação das outras vezes venha coroar de exitos felizes nossos esforços, dando-nos alento para proseguirmos na lueta encetada, mesmo com a nossa reconhecida pequenez.

Os Directores.

AVE MARIA

... nessa hora o passado inteiro se apresenta aos nossos olhos, emquanto em nossa alma tambem se ergue uma sombra desoladora e atroz—a Saudade! . . .

Seis horas.

O crepusculo baixa, pouco a pouco, turbando os esplendores da tarde.

O sól, as aves e a alma, recolhem-se neste momento!

As virações desfolham as rosas loucas e as languidas madresilvas!

Os passarinhos vão em busca de agazalho, nas ramagens das arvores frondentes!

Ouve-se, ao longe, o monotono arrulhar dos pombos que, nos ninhos, se aconchegam aos filhinhos, abrigando-os do frio! . . .

Esvoaçam as solitarias gaivotas pela praia alvacentá, indo umas pouzarem sobre os blocos de espumas, e outras esconderem-se piando dolorosamente entre os concavos do rochedo.

O céu, de um azul triste e sereno, vai-se, lentamente, vestindo de estrellas luminosas!

E tudo, emfim, se emerge num repouso doce de Ave Maria. . .

Eis a hora da inspiração e da poesia! hora que nos ensina a cantar um poema de saudades e de desespero que matam!

E a minh'alma canta, embalando sempre o berço das minhas mortas esperanças! . . .

1900.

Hortensia T. Leite de Abreu.

RECORDAÇÃO

A'...

Estava eu de passeio em uma fazenda, ***, pelo mez de Janeiro,

quando tive o grande prazer de assistir a um desses attrahentes espectaculos que muitas vezes exhibe a natureza.

Eram apenas quatro e meia horas da madrugada, quando, uma vez desperta, me levantei, abri a janella do meu quarto e puz-me a pensar. . . Pouco tempo depois o dia despontava alegre e o sol radioso espalhava ondulas de luz sobre o universo. Os passarinhos nos ares entoavam seus canticos doces e harmoniosos, a aragem, com um sussurro brando e delicado, quebrava os echos da solidão da floresta. . . Então minha alma encheu-se de dôr e de tristeza. . . as lagrimas saltaram-se-me dos olhos e me veio á ideia como um saudoso e supplice lamento, um pensamento: — Recordação de um ente querido a quem consagro ardente amor.

Alice Aguiar.

SAUDADE

A'...

Como sinto-me feliz nesta solidão immensa, a que fui trazida! . . .

Com que encantamento contemplo ao nascer do sol essas verdjantes campinas esmaltadas de mimosas flores, em cujas petalas scintillam as perolas crystallinas do orvalho! Aqui uma florinha branca espargindo o seu delicado perfume; alli uma outra que seduz pela belleza artistica de suas formas; alem outra de um colorido brilhante e encantador; finalmente no meio de toda essa variedade de flores, nas suas formas, na disposição dos seus verticillos—lá está uma, qual *chaga roxa* exprimindo na sua linguagem muda mas

No cemiterio

(A' Hortencia)

—«Toma, elle diz, guarda esta sempre-viva...
Presinto que esta flôr do cemiterio,
Colhida aqui no Campo do mysterio,
Trará tua alma sempre a mim captiva...»

A joven, tem na fronte pensativa
A pallidez do marmore funereo!
Commovida, ella fita o espaço ethereo,
E uma lagrima encluga, fugitiva...

—«Desta flôr jura nunca separar te!...
Ella ha de te seguir por toda a parte
Mesmo quando de ti me afaste a sorte!»

C'o os olhos fitos no horisonte puro,
Banhada em prantos, ella diz:—eu juro
Guarda-a sempre até que venha a morte!»

Elisa T. L. de Abreu

ESTATUA

Ao Corrêa

O meu olhar escrutador agora
O teu corpo percorre com ternura.
Nenhum ponto contrario á formosura
N'elle descubro, ó pallida senhora!

O grande Phidias, que, soberbo, outr'ora
Produziu raras obras de esculptura,
Abandonára a fria sepultura
Para te ver um só momento, Aurora!

Porem te falta alguma coisa; creio
Que dentro desse alabastrino seio
Um coração não palpitou jamais...

Deus, porém, é o culpado, Deus somente,
Pois não te deu do amor a chama ardente;
Fez-te estatua formosa e nada mais!...

1900

R. Teixeira Leite

cheia de eloquencia e poesia, todo o sentimento humano: a saudade!...

E como me sinto rodeada de eternas recordações quando a contemplo!... Como me falla á alma essa côr melancolica que tinge a sua corolla!...

... Falla-me de ti,.... desse coração que longe vive, talvez sem pensar em mim, embebido quem se, no brilho d'outra estrella que irá guiar-te pelas aspezuras do caminho da vida!...

Oh! como te bemdigo solidão! que arrancando-me d'alma dores agudas, crueis saudades -- deixam um que indefinivel... um amargo doce que... embala e seduz!...

Saudade! Saudade, flor d'alma, por ti vivo, e serás a flor singela da minha predilecção!...

23-4-901.

Adelaide Brito

Um Sonho

O sol lançava seus ultimos raios sobre a terra, que o manto do crepusculo começava a envolver. O azul sereno do céu se entristecia pela proximidade das sombras da noite. A brisa, soprando branda e perfumada, agitava suavemente as folhas das arvores, e nem um outro movimento cortava a sombria solidão em que me achava.

Eu fitava a belleza desse céu sem nuvens e a majestade desse astro que desaparecia mansamente no horisonte...

Meu coração enchia-se pouco a pouco de uma vaga melancolia,

mixto de tristeza e saudade, causada talvez, pela profunda solidão em que me achava.

Estava assim abstrahida, quando fui arrancada desse dolorido extasis, por um pequeno ruido; voltei-me e vi que se encaminhava para mim, uma joven de peregrina belleza: seu vestido era branco, os olhos d'um azul purissimo; loiros os cabelos que lhe emolduravam o meigo semblante.

Olhou-me e sorriu-se, fitando-me com olhar de celestial ternura. Meu coração começou a pulsar com violencia; senti-me vivamente atrahida pela belleza dessa joven; tive impetos de correr a ella. Mas eu estava presa por uma força invisivel, tinha apenas a faculdade de ver. Ella vendo os vãos esforços que fazia para fallar, chegou se a mim e disse-me: — Conheço a causa dessa indefinivel tristeza que sentes, não procures occultar-me, sou a Consolação! amiga daquelles que soffrem, é em vão que lutas sempre e sempre... Tua alma, acompanhando o proprio pensamento, irá desfolhar essa saudade sempre-viva, nos degraus do altar do teu primeiro amôr! não procures mais na terra, o que só encontrarás no céu, vem! vou levar-te onde está a felicidade!...

Cheia de alegria ia acompanhando-a... acordei!... meus olhos fixaram-se nas paredes de meu quarto, banhadas pelos doirados raios do sól nascente.

S. Paulo, 4-4-901.

Corina Aguiar

Nome preságo

Bem m'o advinhava o coração! Quando eu ouvia pronuncial-o, sentia secreta e involuntaria antipathia, de envolta com a indifferença que ainda adormecia a minh'alma...

Ah! nunca o nosso coração se engana! Esse leve presentimento de outr'ora, que apenas ousava ferir me de mansinho, tornou se hoje uma realidade. Eu te conheci! E tu o possuias, evocava a tua adorada e adoravel figura! Até a esse nome, que eu achava horrivel, encheo do prestigio do teu brilho: illuminaste-o! Procuo achal-o de máo gosto, sem expressão como noutro tempo, e digo o num suspiro, docemente, e torno a repetir as duas syllabas que o compõem...

Lindo nome! Como pude achal-o feio e desgraçoso, e o meu coração sentir o fino espinho do presentimento nelle penetrar?

O presentimento, eu o compreendo agora: — são as saudades que eu sinto quando não estou ao teu lado, ouvindo-te...

Ah! nome, quê mal me fizeste! Bem m'o advinhava o coração!

Sibela

S. Paulo, 28 de Março de 1901.

A MULHER

A mulher é na vida o que a flor é no campo, o aroma na flor, o oasis no deserto, a frescura no oasis, o desenho na pintura, o cor

INSTITUTO HISTÓRICO
GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

Num sonho

A Zenha Junior

Sobre esse teu alvíssimo seio,
Ondulava a coma perfumante!
E o teu olhar vagando em anseio
Me attrahia para teu amante.

Levou-me o destino n'esse enleio!
De amor n'um amplexo delirante,
Ao peito apertei-te sem receio,
Julgando ser teu amor constante...

Mas ai de mim! nesse mesmo instante
Mystica voz pelo espaço ouvi:
E' falso! é falso! esse amor errante...

Tem essa joven mais de um amante;
A elles jurar affectos eu vi...
Foge pois do amor tão caprichante...

São Paulo, 1901

Durval Silva

Quando ella passa

Ao Corrêa

Quando ella passa, rubra como a aurora,
(e a loura trança sobre a espadua ondeia),
a todo o encanto da cidade alheia,
com seu donaire de gentil senhora;

quando ella passa, como passa agóra,
prende de graça e de attractivos cheia,
como uma estrella que a brilhar vagueia
serena e calma pelo espaço a fóra,

e alguém lhe fita, com expressão esquiua,
lhe deita uns olhos que supporta a custo,
e continua majestosa e altiva...

mas, quando encontra o meu olhar adusto,
languidamente como a sensitiva,
contrahe-se toda, tremula de susto...

São Paulo, 1901

Magalhães Costa

lorido no desenho, o trinado na musica, a melodia no trinado, o balsamo na chaga, a suavidade no balsamo, a lagrima no martyrio, a poesia na lagrima, a esmola na indigencia, a modestia na esmola, o mavioso sorriso da aurora na madrugada e a lava refrigerante no vulcão.

Saphira

A CAMELIA

(A' minha doce e gentil Saphira)

Deu-te o céo a gentileza
Mas, encantos, não, oh! flor;
Tu não tens a singeleza,
Ai! Camelia, e nem amor!

Si a paixão te enlanguesses
Desmaiando esse carmin,
Qual a rosa que fenece,
Tu, serias junto a mim!

Perola do Oriente

S. Paulo, 5-4-901.

Agradecimento

A's exmas. familias que me honram assistindo a esta modesta festa, manifesto a segurança do meu sincero reconhecimento.

Outrosim, á illustre directoria da «Primavera» pela fineza de conceder-me os salões da sociedade da qual sou obscuro socio.

Alfredo Durval e Silva

S. Paulo, 26 de Maio de 1901.

Saudade eterna

A' M.

Dedico a ti estas linhas, porque sei que ellas traduzem o teu sentimento.

São passadas quatro primaveras.
Quando, em cada anno em sua dada epocha, florescem de novo as lorangeiras, eu, fitando as odorificas florinhas, vejo com os olhos marejados de lagrimas saudosas, a minha felicidade de outr'ora: meu primeiro amor!

Concentro-me horas e horas, deixando passar pela mente, todos momentos felizes que então gozei.

Ahi sim, sou feliz! mas ai de mim! esses momentos, que quizera fossem eternos, findam-se, e, de novo, cahindo na realidade da vida, só com saudades me encontro...

Maió—901.

Erico Djalma

Perfil

Para um album

Sê boa e simples; ama a sinceridade e a pureza; despreza a lisonja e o artificio que maculam e corrompem.

Ser boa vale mais do que ser bella.

A bondade é eterna e brilha em toda nossa existencia terrenal, limpa e forte como o brilhante que se não offusca e nada o consegue fender nem lascar.

A belleza é ephemera e enganadora como o avelludado rutilo da petala, que se descolora ao sol

ardente, que emmurchece e morre ao beijo frio da geadá.

A bondade é uma só phrase melódica em rythmos de amor e de poesia; é o cantico dos anjos.

A beleza é perseguida pela vaidade, ao passo que a bondade é a mensageira do coração.

Bella—sê sempre pura, docil e singella.

Quando, outr'ora Jesus, sorrindo e brincando, chamava á Si as creancinhas, é que Elle via nellas a bondade, angelical dos sonhos e das visões dos prophetas christãos; quando Elle ia buscar os pescadores ou os operarios para fazel-os grandes e patriarchas, é que Elle via na rusticidade o brilho da alma, num simples feito de bondade e de virtude.

Sê, portanto, boa e simples—ama a verdade, a virtude e a singelleza que te farão mais bella!

A. Justino de França

O ASSUCAR

Permittam, exmas sras, que lhes conte um conto de historia natural, que não é da Historia nem histórico e não é inventado como o foi a polvora, mas é um conto que contado por quem conta não faz conta fazer de conta que conta contas. Este caso é fundamentado, com raso fundamento, sobre as leis organicas que régem todos os seres inorganicos, componentes da philosophia ideal, e estende-se á altura de um principio sem fim que faz esquecer as conspicuas inspirações imaginarias de coração de milho, trazendo á lembrança sau-

Nº 01007
 ARQUIVO

dosa dos tempos vindouros da bella Paschoa. Resume-se tambem n'um rhythmo cadenciado que dulcifica o passo do bailado das horas, assim como o compasso com passos rapidos vae medindo compassadamente a vasta extenção do estreito horizonte em época de lua vazia atravez do canal de Suez. E, em vista do exposto, ainda ha quem diga que berimbau não é peixe e caranguejo não é gaita?

Entremos no caso que não merece pouco caso e que eu por acaso presenciei n'uma casa onde se dava um casamento.

Mas, consintam ainda V^{as}. Ex^{as}, que neste momento solemne eu faça aqui uma semibreve aposiopése afim de poder provar que a sciencia, hoje em dia, compõe-se exclusivamente de tudo que é scientifico por natureza. São poucos os da minha opinião, amar a côr morena com ternura no coração, bem o sei, entretanto, sem pestanejar, abalanco-me a saltar fóra das órbitas e se o não faço agóra é pela absoluta sobra de tempo e falta de espaço ou vice-versa, mas aguardo o 1.^o desafio, e... agora reparo que não contei o caso!... Não façam caso, fica para a primeira ocasião.

Xinfrim

Salve 26 de Maio!

Nho-nho, tu me pedes para atar duas linhas no teu formoso *ramilhete*, pois não vês que, atando-as, faço emmurcheçar as bellas florinhas que elle contem?

Para que marear as variegadas cores de teu mimoso *ramilhete*?

Para que viciar o seu odor?

Disculpa-me, não posso, não devo acudir ao teu gracioso pedido, porrem permitta-me que levante bem alto, o éstro de minha effusiva saudação ao nosso dedicado amigo Alfredo pelo ditoso dia de hoje.

Ave!

Salve 26 de Maio!

Nico.

AGENDA

«Primavera»—No salão Steinway realiso esta conhecida e apreciada sociedade, na noite de 27 de abril, sua nona partida dançante.

«O Ramilhete», acostumado a contemplar o movimento das sociedades congeneres na Capital, vio que esta festa em nada destoou das outras que esta conceituadissima sociedade tem effectuado, tal foi o seu brilho e encanto.

Apesar do tempo ingrato que reinou, os salões ficaram repletos de tudo quanto ha de mais selecto na familia paulistana. As 10^{1/2} horas chegaram as distinctissimas representantes da brilhante sociedade *Chrysalida*, sendo recebida por sinceras aclamações e cobertas por uma chuva de petalas de flores.

Deram-se então começo as danças que, em crescente animação, terminaram-se ao alvorecer, reinando sempre, como de costume, a mais bella harmonia e intima satisfação entre todos.

Singelas, porém elegantes *toilettes* davam uma nota alegre á festa.

O serviço do *buffet*, magnifico e profuso, nada deixou a desejar.

Captivantes gentilezas constituiram as particularidades de todos os consocios.

«O Ramilhete» sente-se orgulhoso em descrever, ainda que pallidamente, o esplendor desta festa e em assegurar positivamente que a «Primavera» occupa um lugar salientissimo no seio da sociedade paulistana.

Salve! Salve! sim! á «Primavera»!

«O Ramilhete»—Deverá ser executada ao piano, na soirée de hoje, a valsa «O Ramilhete», da lava do inspirado maestro Antonio Justino de França.

Basta o nome do festejado actor, demasiado conhecido como um talento musical, para recomendar esta composição que imerecidamente nos foi dedicada. Estamos devéras captivos da valsa «O Ramilhete», e, commovidos, sentimos não termos phrases para testemunhar os nossos agradecimentos, como era do nosso desejo, a tão significativa prova de affeição.

Soirée—Com indescriptivel entusiasmo realiso-se a 16 do p. findo na residencia do sr. Tenente Francisco C. da Costa Aguiar, a brilhante *soirée* dançante.

gando-se as danças até o amanhecer. O motivo da festa era dos mais auspiciosos para a familia, pois festejava o feliz anniversario natalicio de sua dilecta filha, senhorita Corina Aguiar, nossa distincta collaboradora. De a par com as nossas sinceras felicitações, reiteramos os nossos mais gratos agradecimentos pelo honroso convite com que fomos distinguidos.

Em viagem—Em busca de lenitivo a seus encommodos de saude, acha-se actualmente, na cidade da Aparecida, o nosso querido e intelligente collaborador e amigo, Ramiro Teixeira Leite. Em sua companhia estão sua extremosa mãe exm.^a sr.^a d.^a Elisa Abreu e sua encantadora irmã senhorita Hortensia Teixeira Leite de Abreu, nossa apreciada collaboradora.

Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento, para assim o termos, dentro em breve, ao nosso lado.

Ausentes—A' estimada riograndense exm.^a sr.^a d. Naná Baltar e o nosso bondoso amigo José Ferreira Carneiro, que se acham ausentes desta capital, «O Ramilhete» se regosija em saudar affectuosamente.

De passagem—Esteve entre nós, durante alguns dias, nos distra hindo com a sua amavel conversação, o nosso sincero amigo sr. José de Araujo, que, nos deixando saudosos, seguiu a 4 deste para o Sul, afim de tratar de negocios do seu interesse.

Felicidades.

No cemiterio—E' este o titulo do lindo soneto da maviosa poetisa exm.^a sr.^a d. Elisa T. L. de Abreu, que não obstante já o ter publicado na «Ondina», revista litteraria desta capital, nol-o cedeu gentilmente em original.

Nós o publicamos com muito gosto.

Agradecimento—Pelo valioso auxilio que nos prestou na elaboraçao deste numero d'«O Ramilhete», o nosso dedicado amigo José de Magalhães Costa, e, obdecendo a voz da nossa consciencia, aqui deixamos nesta modesta noticia a prova patente dos nossos mais es-

sinceros agradecimentos. Directores.

